

TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: AS RESSIGNIFICAÇÕES DO CONCEITO VIDEOAULA TENDO EM VISTA A ALTERAÇÃO DO *MÍDIUM*

Simone Cristina Mussio¹

Resumo: Pautando-nos no intenso desenvolvimento das tecnologias digitais instauradas no mundo atual, este artigo pretende observar as ressignificações percebidas na construção e disseminação de videoaulas sobre escrita científica, a partir do momento em que a aula presencial se transforma em aula em vídeo e se insere em plataformas de distribuição de vídeos gratuitos, como é o caso do *YouTube*, caracterizando-se como um ensino de “Educação Informal a Distância”, expressão esta por nós cunhada. Assim, baseando-nos nos conceitos linguísticos de *mídiu*m, bem como no de esfera e gêneros discursivos, procuramos analisar, segundo uma análise dialógica do discurso, como o uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs) promove uma remodelação dos conteúdos e dos gêneros no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: videoaula; dialogismo; esfera; gêneros do discurso; *mídiu*m.

Abstract: Because of the intense development of digital technologies introduced in the present world, this paper aims to observe the resignifications perceived in the construction and dissemination of video classes on scientific writing, from the moment in that the class becomes video class and is inserted in platforms of distribution free video, such as YouTube, characterizing as a teaching "Informal Education Distance", expression this coined by us. Based on the linguistic concepts of *midium*, sphere, and speech genres, we analyzed, according a dialogic discourse analysis, such as the use of New Technologies of Information and Communication (NTIC) promotes remodeling of the contents and genres in the teaching-learning process.

Keywords: class video; dialogism; sphere; speech genres; *midium*.

1. Introdução

Com a chegada da Internet, a sociedade passou por macromudanças inexplicáveis em razão das inúmeras possibilidades advindas do acesso à rede mundial de computadores. Há, assim, novas empresas, novos movimentos políticos, novas instituições; novas formas de venda, de compra, de informação, de comunicação, de relacionamento, bem como novas maneiras de difusão de conteúdos educacionais, como é o caso da utilização das videoaulas

¹ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara. Professora Assistente da Faculdade de Tecnologia de Jahu (FATEC – JAHU).

em ambientes informais de educação, através de plataformas de compartilhamento gratuitos de vídeos como o *YouTube*.

Desse modo, a partir do momento em que a aula avançou para outros espaços, não se restringindo somente ao ambiente escolar, mas também se fez presente neste contexto tecnológico, a videoaula passou a ser difundida exponencialmente. Assim, neste trabalho, temos como objetivo verificar as ressignificações presentes no gênero videoaula a partir do momento em que este mesmo gênero é produzido através de *mídiuns* diferentes, gerando, conseqüentemente, produções diferenciadas, pautadas em finalidades específicas.

Logo, tendo em vista a intersecção de distintas esferas, analisaremos como o mesmo gênero, classificado como videoaula sobre escrita científica, pode sofrer drásticas alterações, devido às especificidades na concepção desse gênero, em razão da alteração do *mídium* (EaD e ELaD), de forma a promover variantes do gênero videoaula.

Para tanto, observando, dialogicamente, os enunciados que nos rodeiam, podemos notar, através dos resultados parciais deste estudo, que a produção de videoaulas sobre escrita científica se ressignifica enquanto gênero, tendo em vista os postulados bakhtinianos ao conceber a linguagem como um constante processo dialógico que, distante de ser um sistema autônomo, funciona como um agente mediador dos discursos em diferentes contextos tempo-espaciais.

A partir do conceito de *mídium*, explanado por Maingueneau, procuramos analisar a mudança do discurso do professor, quando a aula presencial se transforma em videoaula e se insere em plataforma de distribuição de vídeos gratuitos, como é o caso do *YouTube*. Para tanto, serão apresentados e comparados os gêneros discursivos “aula presencial”, e a “videoaula de Educação Informal”. No entanto, para sustentação da pesquisa, mencionaremos, no decorrer do estudo, a construção de videoaulas dentro de um curso de Educação a Distância, de forma a observar que o próprio gênero videoaula se ressignifica, tendo em vista à alteração do *mídium*.

O uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs) através da videoaulas na EaD, por exemplo, leva o professor a repensar e a replanejar o conteúdo de suas aulas, levando em consideração as mídias que servem de suporte para o processo de ensino-aprendizagem, o que provoca novos desafios na produção de seu material didático midiaticizado. No entanto, as videoaulas inseridas em um canais de compartilhamento de vídeo digital, como é o caso do *YouTube*, podem promover aquém das práticas educativas e pedagógicas um propósito também mercadológico e/ou expressivo.

Hodiernamente, múltiplas ações cotidianas já não são mais executadas necessariamente em espaços físicos pré-estabelecidos. Inúmeras atividades profissionais, bem como relações pessoais de diversas estâncias da vida são desenvolvidas de forma não presencial e assíncrona, mediadas por tecnologia. Nota-se, assim, o crescimento de aulas online por meio de cursos a distância, através da modalidade de ensino pautada na EaD, como também vê-se a proliferação de variadas videoaulas em ambiente digital, de caráter formal ou informal, tendo como principal linguagem, a linguagem audiovisual. Neste contexto, o professor, ao elaborar seu material didático midiaticizado, depara-se com novas situações que modificam tanto a emissão como a recepção do seu discurso. Desse modo, para averiguar a alteração da aula presencial para a videoaula, e da videoaula da Educação a Distância para uma videoaula de Educação Informal, tomamos como abordagem teórica o conceito de *mídiu*m proposto por Maingueneau.

2. A videoaula enquanto gênero discursivo

Tendo como base a asserção de Maingueneau (2013, p. 65) ao dizer que “todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um gênero de discurso”, Bakhtin (1997, p. 279) também aponta que os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, logo, se modificam para suprir as necessidades da sociedade, cujas formas de organizarem-se ou comunicarem-se sofrem inúmeras modificações. Do mesmo modo que a carta, hoje, transferiu seu intenso uso para o envio de e-mails, em razão da efemeridade deste tempo e a necessidade da sociedade comunicar-se com extrema ligeireza, sem, no entanto, deixar de existir, a videoaula organiza dizeres e vozes que se fazem ressoar em ambiente internético, a partir da necessidade de práticas sociais que não atrelem as pessoas a lugares físicos e momentos síncronos sem, contudo, extinguir o conceito e a prática da aula presencial.

Maingueneau (2013, p. 67) distingue gêneros e tipos de discursos, ao afirmar que “gêneros de discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividades sociais”. Sendo assim, os gêneros aula presencial e videoaula podem ser entendidos como gêneros pertencentes a tipos de discurso como o didático e o acadêmico, por exemplo.

Segundo Bakhtin (1997, p. 281), no momento de sua formação, os novos gêneros assimilam e metamorfoseam os gêneros já existentes. Pode-se pensar, portanto, na aula presencial como um gênero já existente que sofre metamorfose no processo de geração de um novo gênero: a videoaula.

A videoaula é um gênero que nitidamente assimila características da aula presencial, como a existência de um enunciado expositivo, planejado e, muitas vezes, apresentado por um professor, com a intenção de levar conhecimento ao aluno em um processo de ensino-aprendizagem. Todavia, cabe ressaltar que, como já retratamos anteriormente, a videoaula também pode se transmutar de acordo com o veículo de transmissão a que ela está inserida, de forma a ressignificar seus usos e seus próprios objetivos.

Desse modo, em consonância com o que foi exposto, buscamos refletir, a partir dos ditames proferidos por Maingueneau, sobre a questão do *mídiu*m, ao qual os gêneros de discurso encontram-se atrelados.

3. Ressignificações a partir da modificação do *mídiu*m

De acordo com o que foi discutido, observaremos, a priori, como o discurso do professor sofre alterações a partir do momento em que ele sai da sala de aula presencial e passa a gravar videoaulas. Logo após tais comparações, nos atentaremos para a observância das distintas videoaulas, de caráter informal, veiculadas na rede, devido às especificidades da “cultura participativa²” a que estamos envoltos.

Discursando sucintamente sobre as videoaulas presentes nos cursos de modalidade de Educação a Distância, podemos observar, de acordo com Gerbase (2006), que os professores em EAD passam, dificilmente, pela migração da usual linguagem da sala de aula presencial para a linguagem audiovisual, da qual, até o momento, eram somente espectadores. Logo, citando as palavras do autor, “duas linguagens diferentes não podem ser tratadas como se fossem a mesma” (GERBASE, 2006, p. 4).

Desse modo, podemos compreender essa diferença de linguagens, de discursos, de meios, através da discussão sobre *mídiu*m, aventada por Maingueneau (2013, p. 81-82):

[...] é necessário reservar um lugar importante ao modo de *manifestação material* dos discursos, ao seu *suporte*, bem como ao seu modo de difusão: enunciados orais,

² Cultura participativa é um termo geralmente usado para descrever a aparente ligação entre tecnologias digitais mais acessíveis, conteúdo gerado por usuários e algum tipo de alteração nas relações de poder entre os segmentos de mercado da mídia e seus consumidores. A disponibilidade das tecnologias da Web 2.0 permitiu o crescimento das culturas participativas. No entanto, tendo em vista a teoria na qual estamos imersos, a análise dialógica do discurso, compreendemos a expressão “cultura participativa” como uma forma proporcionada pelas novas tecnologias em que o usuário não apenas consome informações, mas as produz também. Não estamos, pois, retratando o usuário (o outro), mesmo antes do apogeu das novas tecnologias, como um ser passivo e inexpressível; uma vez que essa compreensão e responsividade de uma outra pessoa é parte inerente da linguagem. Logo, essa orientação para o outro - denominada de orientação social da comunicação discursiva – pressupõe que se leve em conta a interação sócio-hierárquica que permeia a relação entre os interlocutores.

no papel, radiofônicos, na tela do computador, etc. Essa dimensão da comunicação verbal foi durante muito tempo relegada a segundo plano [...]. Hoje, estamos cada vez mais conscientes de que o mídiun não é um simples “meio” de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. O mídiun não é um simples “meio”, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do mídiun modifica o conjunto de um gênero de discurso.

Isso significa que as videoaulas de cursos a distância, cujos alunos se encontram matriculados em instituições específicas de EaD, seguem, basicamente, o mesmo padrão das videoaulas digitais informais, porém institucionais, inseridas no *YouTube*, como, por exemplo, as videoaulas de escrita científica do professor Valtencir Zucolotto, da Universidade de São Paulo, de São Carlos, ou mesmo o professor Gilson Volpato, da Universidade Estadual Paulista, de Botucatu, com relação à composição estética da aula, no que concerne à produção artística, à edição, etc.

Todavia, vale ressaltar que as videoaulas de EaD e as videoaulas digitais informais, as quais citamos anteriormente, presentes no *YouTube*, apesar de serem parecidas devido ao fato de ambas serem produzidas pautando-se em estratégias similares, são distintas com relação à intencionalidade significativa presente em cada uma delas. Contudo, ademais destes tipos de videoaulas, não podemos nos esquecer daquelas arroladas sob o viés da cultura participativa da internet, em que o usuário, ao tornar-se produtor e consumidor dos vídeos que insere e compartilha em rede digital, passa a utilizar-se de variados recursos para a sua produção.

Dessa forma, vemos assim como a mudança do *mídiun*, apesar de tratar-se, supostamente, do “mesmo gênero discursivo”, pode colaborar para a formação de inúmeras significações e sentidos.

4. Distanciamentos e aproximações entre a aula presencial e a videoaula

Ainda que o conteúdo didático da aula seja, de certa maneira, o mesmo, a postura do professor se modifica, uma vez que este não se dirige falando para a câmera exatamente como faria a alunos em sala de aula. Logo, os alunos não recebem o discurso do professor no vídeo da mesma forma que o recebem na sala de aula. Os inúmeros elementos do roteiro de uma produção audiovisual, como dramatizações, recursos gráficos, imagéticos e orais, direcionam o discurso que será visto e ouvido pelo aluno. Há, desse modo, idiosincrasias na linguagem audiovisual, tanto em sua produção quanto na recepção, que devem ser ponderadas para que o processo de ensino-aprendizagem possa se realizar de maneira eficaz. Destarte, segundo Maingueneau (2013, p. 82) vemos como “o modo de transporte e de recepção do enunciado

condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero do discurso”. Essa modificação do *mídiu*m, da aula presencial para a videoaula, ou melhor, para “as videoaulas”, promoverá mudanças significativas no discurso desses gêneros, provocando distintas interpretações.

Interessante notar também que, na videoaula, o discurso não se apresenta necessariamente direcionado a todos os alunos, como na sala de aula presencial. Devido ao fato de o aluno, provavelmente, assistir à aula sozinho, o professor pode referir-se a ele, muitas vezes, no singular.

A presença física dos alunos na aula presencial pode interferir na fala do professor, no momento da enunciação, algo que não acontece, por exemplo, na videoaula, já que estes se encontram, fisicamente, ausentes. Durante a aula presencial, o professor é também capaz de notar as reações à sua fala, como, por exemplo, os gestos, olhares, feições, conversas, etc. Já na videoaula, o professor não sabe como está sendo recebida suas aulas, quais as reações dos alunos que as assistem. Todavia, cabe lembrar que as videoaulas inseridas no *YouTube* podem promover este diálogo com o professor, uma vez que este canal de compartilhamento de vídeos permite um espaço para a opinião de seus usuários. Na aula presencial, há também, de certa forma, uma tentativa, por parte do professor, de reunir os alunos em torno de seu discurso, enquanto na videoaula essa tentativa se assenta no fato da antecipação das expectativas que seu destinatário (aluno-usuário-espectador) pode vir a ter no momento da exibição do vídeo.

5. Gêneros e esfera: As especificidades da videoaula de escrita científica

Tendo em vista nosso objeto de estudo, as videoaulas sobre escrita/redação científica, ao retratarem as especificidades sobre a produção de artigos de alto impacto, participam do debate sobre o que é ciência. É uma resposta às vozes contrárias sobre o que é realmente o fazer ciência e conseqüentemente artigos científicos. Assim, “os diálogos sociais não se repetem de maneira absoluta, mas não são completamente novos, reiteram marcas históricas e sociais, que caracterizam uma dada cultura, uma dada sociedade” (MARCHEZAN, 2010, p. 118).

As videoaulas mencionadas são bem arquitetadas, mas, obviamente, isso não lhes garante pleno êxito a seus interlocutores (a quem a assiste); podendo provocar ecos de identificação, contudo também podem difundir ecos de contrariedade, hesitação, insatisfação. Ecos esses que continuam a soar até hoje nos moldes de se produzir ciência e no embate travado entre as diversas áreas da ciência.

Dessa maneira, o modo dialógico de se considerar a linguagem promove um jogo de vozes, expressas por meio dos enunciados, com as quais é possível (e necessário) dialogar. Sendo assim, ao se deparar com os distintos enunciados, expressos por meio de diferentes gêneros, é importante que observemos neles quais são as suas forças atuantes, experimentá-las, vivenciá-las, para depois, ao voltar-se ao seu cronotopo, ao presente e às reflexões teóricas adjacentes a este tempo, compreender, analisar e entender o discurso como um todo. É assim que o diálogo passa a instruir a perspectiva da análise de um texto (escrito ou falado), experimentando-o na vida, de forma a contornar o dualismo vida e teoria.

Vemos, assim, como o meio propicia o surgimento de distintos gêneros e consolida a importância dada às esferas de atividades, uma que o estudo dos gêneros discursivos considera, sobretudo, “a natureza do enunciado” em sua diversidade e nos diferentes campos de atividade comunicacional.

A totalidade artística de qualquer tipo, isto é, de qualquer gênero, orienta-se na realidade de forma dupla, e as particularidades dessa dupla orientação determinam o tipo dessa totalidade, isto é, seu gênero. Em primeiro lugar, a obra se orienta para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático. A seu modo, cada gênero está tematicamente para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante. (...) Cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela (MEDVIÉDEV, 2012, p. 195-196).

É válido lembrar que o gênero nunca é em si mesmo, por essa razão não pode ser abstraído da esfera que o cria e usa, como também de suas coordenadas de tempo-espço e das relações entre os interlocutores. Grillo (2010) ressalta que as esferas estão ligadas ao destinatário, e há destinatários presumidos para cada gênero, além de formas de atividades responsivas que são ligadas à determinada esfera; assim afirma:

A interação se dá entre indivíduos organizados socialmente, o que coloca em jogo condições sócio-históricas de duas ordens. Primeira, a situação social mais imediata, cujos componentes, descritos em trabalho anterior, são o horizonte social comum aos co-enunciadores (unidade do lugar visível), o conhecimento e a compreensão da situação, compartilhados pelos co-enunciadores, e a avaliação que eles fazem dessa situação. Segunda, o meio social mais amplo, definido, por um lado, pelas especificidades de cada esfera de produção ideológica (ciência, literatura, jornalismo, religião, etc.) e, por outro, por um certo “horizonte social” de temas recorrentes, em razão da onipresença social da linguagem verbal e da relação que as esferas ideológicas estabelecem com a ideologia do cotidiano: “Com um horizonte ideológico de cada época, há um centro valorativo em direção ao qual todos os

caminhos e aspirações da atividade ideológica levam (BAKHTIN apud GRILLO, 2010, p. 138).

Dessa maneira, os gêneros sofrem alterações em decorrência do momento histórico ao qual estão inseridos. Cada situação social engendra um gênero, com suas características que lhe são peculiares. Ao observarmos a infinidade de situações comunicativas e que cada uma delas só é possível graças à utilização da língua, podemos perceber que infinitos também serão os gêneros, existindo em número ilimitado. Por isso, Bakhtin cinge a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas de atividade humana, com finalidades discursivas próprias.

De acordo com o autor, cada esfera social detém diversos textos segundo as atividades da comunicação humana. Logo, ao circularmos pelas diferentes esferas sociais das atividades humanas, lançamos mão de inúmeros gêneros do discurso, os quais promovem a prática social daqueles que estão nelas envolvidos como meio de legitimação das relações sociais. Vê-se, assim, que o ser humano, seja em qualquer uma de suas atividades, usufrui da língua e, segundo o interesse, intencionalidade e finalidade específica de cada atividade, realizará enunciados linguísticos de maneiras diversas.

Com relação às esferas de atividade humana (esferas sociais de comunicação ou também chamadas esferas comunicativas) estas são heterogêneas e cada uma delas possibilitará condições comunicativas específicas para o atendimento das necessidades do ser humano de expressar-se. Entretanto, cabe lembrar que as esferas referidas caracterizam-se como formas de organização e distribuição dos diversos papéis e lugares sociais presentes nas situações e instituições em que se elaboram os discursos. Desse modo, as condições comunicativas das esferas sociais (acadêmica, ideológica, oficial, cotidiana, científica, etc) propiciam seus “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 279), denominados, assim, gêneros do discurso ou discursivos, os quais materializam a língua, a qual está vinculada à vida. Logo, os gêneros situam-se entre língua e a vida.

Os gêneros dos discursos fazem-se então presentes em todos os atos comunicativos realizados por meio da fala ou escrita e a utilização da língua se dá através de enunciados pertencentes a uma esfera da atividade humana, refletindo os objetivos comunicativos dessas esferas, sendo os gêneros elaborados de acordo com as formas como os enunciados são utilizados. Estando os gêneros no dia a dia dos sujeitos falantes, os quais detêm um infindável repertório de gêneros, podemos observar que até nos discursos mais informais, por exemplo, o

discurso sempre é moldado pelos gêneros, e, por serem relativamente estáveis, podem sofrer modificações de acordo com a finalidade a que foram utilizados.

Em razão do desenvolvimento das sociedades e da influência de outras culturas, ou mesmo diante de tantos outros fatores com que a língua possui relação direta, como o próprio passar do tempo, de épocas e costumes, podemos observar como as mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso. Por esse motivo, os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são meios de transmissão que levam a história da sociedade à história da língua, sendo as alterações presentes nos gêneros inevitáveis, pois como estes estão relacionados às práticas sociais, quaisquer mudanças na vida social implicam mudanças nos gêneros.

Ao pautarmos nossas reflexões nos estudos sobre os gêneros, não poderíamos deixar de nos debruçar nos escritos de Grillo (2010), com o propósito de buscarmos uma referência para o entendimento da ideia de esfera, presente nos estudos de Bakhtin. Logo, no seu artigo denominado “*Esfera e Campo*”, encontramos as seguintes reflexões:

[...] a noção de esfera da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica, ou da atividade humana, ou da comunicação social, ou da utilização da língua, ou simplesmente da ideologia) é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera/campo (GRILLO, 2010, p. 143).

E pondera mais considerações:

... a noção de esfera permeia a caracterização do enunciado e dos seus tipos estáveis, os gêneros, no que diz respeito ao seu tema, à sua relação com os elos precedentes (enunciados anteriores) e com os elos subseqüentes (a atitude responsiva dos co-enunciadores) (GRILLO, 2010, p.146).

A noção de campo e esfera é ainda vista por Grillo (2010) como um espaço de refração que condiciona a relação enunciado/objeto, enunciado/enunciado, enunciado/co-enunciadores. Esta noção aqui mencionada de esfera e campo perpassa toda a obra do Círculo de Bakhtin e exhibe as especificidades das produções ideológicas com o objetivo de compreender a pluralidade das produções humanísticas.

Podemos perceber, então, que as esferas de atividade humana, sobrevindas do enunciado concreto, fazem emergir, assim, diferentes composições, refletidas e refratadas em três elementos composicionais: o conteúdo temático (assunto), a construção composicional (estrutura formal), que se unem na formação do enunciado concreto e são específicos da

esfera de onde são gerados, e o estilo (forma individual de escrever; vocabulário, composição frasal e gramatical).

O conteúdo temático é a finalidade de dado gênero, logo o conteúdo temático, por exemplo, de uma aula é ensinar determinado assunto do curso. Já a construção composicional é o modo como se organiza um texto, como este é estruturado. E o estilo relaciona-se à seleção dos recursos linguísticos para a elaboração do texto. O estilo é parte do componente composicional, estabelece relação com o enunciado e, como o enunciado é individual, reflete a individualidade de cada falante ou escritor. Assim, tais características estão plenamente interligadas entre si e são definidas em função das particularidades de cada esfera de comunicação, principalmente em virtude da sua construção composicional.

No entanto, com o desenvolvimento social e tecnológico, os gêneros do discurso, originados a partir de tais elementos já descritos, se desenvolveram e conquistaram mais espaço no cotidiano das pessoas. Conhecê-los e empregá-los eficientemente no processo comunicativo é de suma importância para o crescimento social e intelectual dos sujeitos, uma vez que não podemos produzir nada linguisticamente se não for através de algum gênero discursivo.

Levando em considerações os postulados bakhtinianos já descritos, retrataremos a questão da videoaula, como sendo uma ressignificação do conceito aula em vistas do avanço tecnológico instaurado hodiernamente. De acordo com esta teoria, os enunciados – organizados e agrupados – são usados em toda e qualquer atividade humana, sendo essas atividades caracterizadas por condições especiais de atuação e por objetivos específicos comumente associados a elas.

Uma vez que a diversidade de gêneros varia conforme as circunstâncias, o nível social e o relacionamento entre os sujeitos devem ser também levados em conta. Como o sujeito sempre faz uma escolha por um determinado gênero, essa escolha é determinada em função da comunicação verbal que se pretende estabelecer, tendo como referência o seu intuito discursivo e a própria constituição dos seus interlocutores.

Segundo Bakhtin (1997), não há limites para os gêneros, pois eles estão diretamente relacionados com as múltiplas atividades da vida social. Nesse sentido, os gêneros desenvolvem-se em proporção ao desenvolvimento das práticas humanas. Para clarear melhor esta asserção, podemos citar como exemplo o caso do e-mail (correio eletrônico) como uma forma de comunicação quimérica há algumas décadas. Porém, em razão do desenvolvimento

científico e tecnológico, este foi introduzido no cotidiano das pessoas e, em algumas situações, seu uso, hoje, tornou-se imprescindível.

Em razão dos gêneros emergirem juntamente com as necessidades e atividades socioculturais, por meio das evoluções tecnológicas, podemos asseverar que o desenvolvimento tecnológico ampliou e desenvolveu os gêneros (orais e escritos) de forma significativa. Assim, na contemporaneidade, vivemos em uma época dominada pela “cultura eletrônica” (rádio, telefone, televisão, computador e, especialmente, a internet), o que nos conduz a novas formas discursivas como: teleconferências, videoconferências, “chats”, aulas virtuais, videoaulas, etc.

Como Bakhtin discursa que um gênero contém o outro, resignificando-se, os novos gêneros criados, como, por exemplo, as videoaulas, não são criações inéditas, visto que se construíram a partir de outros gêneros já existentes. Isso nos remete à concepção bakhtiniana sobre a “transmutação” dos gêneros e à absorção de determinado gênero a partir do surgimento de novos.

Como os gêneros do discurso são extremamente heterogêneos, suscitando, muitas vezes, dificuldades para definir o “caráter genérico do enunciado”, retomamos a questão primária e secundária dos gêneros, inferida por Bakhtin, para, assim, refletirmos como no decorrer do processo da formação dos gêneros secundários, estes absorvem e transmutam os gêneros primários, que se compuseram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea.

De acordo com o que já foi exposto anteriormente, como o gênero do discurso secundário está atrelado a comunicações culturais consideradas mais complexas, a aula expositiva é, pois, um gênero secundário, uma vez que é o resultado de realizações linguísticas concretas que estão embasadas no estudo científico e seguem um roteiro estabelecido anteriormente pelo professor que a ministra, apesar de estar fundamentada no gênero primário e de, muitas vezes, este gênero tornar-se evidente em sala de aula. No entanto, tal gênero pode também ocorrer em plataformas de vídeos gratuitos inseridos na internet, como é o caso do *YouTube*, resignificando o conceito de aula, transformando-se em videoaula e propiciando novas formas de ensino e de produção de sentidos.

5. Considerações Finais

Considerando a importância que o sistema educacional deveria ocupar na sociedade, o estudo sobre os gêneros, neste caso, a aula expositiva em forma de videoaula, é fundamental

para uma melhor compreensão das novas formas de difusão de conhecimento originadas pelos avanços da tecnologia.

Desse modo, como muitos gêneros encontrados hoje são adaptações de outros gêneros pré-existentes, além de Bakhtin discursar sobre a transmutação dos gêneros e a assimilação de um gênero por outro, gerando novos, Todorov (1980), ao procurar definir a origem dos gêneros, diz que

um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação. Um “texto” de hoje (também isso é um gênero num de seus sentidos) deve tanto à “poesia” quanto ao “romance” do século XIX, do mesmo modo que a “comédia lacrimajante” combinava elementos da comédia e da tragédia do século precedente. Nunca houve literatura sem gêneros, é um sistema em contínua transformação e a questão das origens não pode abandonar, historicamente, o terreno dos próprios gêneros: no tempo, nada há de anterior aos gêneros (TODOROV, 1980, p. 46).

Para uma exemplificação desta transformação, voltamos ao exemplo do e-mail, visto anteriormente, mas através de um novo viés. Por meio de uma hibridização de cartas pessoais, comerciais, bilhetes, pautados em uma identidade própria, vinculada às condições tecnológicas de sua produção e a uma comunidade discursiva que faz uso dele, a linguagem desse gênero, como de outros novos gêneros, incluindo aqui as videoaulas, de maneira geral, está cada vez mais maleável, o que faz com que alguns deles (e-mails) sejam determinados pelo próprio ambiente em que aparecem e criem formas comunicativas, agrupando os vários tipos de semioses (signos verbais, sons, imagens e formas em movimento).

Fazendo menção às videoaulas inseridas na internet, podemos notar como o próprio gênero videoaula se altera tendo em vista sua inserção em plataformas distintas. Em razão de cada videoaula sobre escrita científica objetivar uma finalidade específica, por meio da extensa diversidade das atividades sociais, as videoaulas de Ensino a Distância (EaD), por exemplo, cumprem o seu papel de ensinar à distância; já as de Ensino Informal a Distância Informal³ (EIaD), inseridas na internet, institucionalizadas ou advindas de enunciadores anônimos por meio da cultura participativa, podem, no entanto, além de propiciar um ensino virtual, assumir um papel comercial ou mesmo promover a visibilidade dos enunciadores na esfera midiática.

Segundo os postulados do Círculo, enquanto conjunto de traços marcados pela regularidade, pela repetibilidade, o gênero é relativamente "estável", mas essa estabilidade vista, por exemplo, ao se discursar sobre a composição de videoaulas inseridas na internet, é

³Expressão denominada por nós para referir-se ao Ensino Informal a Distância Informal (EIaD) através de videoaulas inseridas em sites de cultura participativa, cujo objetivo é a disseminação de informações de maneira informal, sem vínculos acadêmicos.

constantemente ameaçada por forças que atuam sobre as restrições genéricas, forças de caráter social, cultural e individual (estilísticas) que determinam as mudanças em um gênero, o seu apagamento ou mesmo sua revivescência.

E é essa tensão entre estabilidade versus variabilidade que marca de maneira específica os diferentes gêneros, propiciando suas transmutações. Dentre as forças que atuam como elemento desestabilizador, pode-se observar a necessidade de expressividade do enunciador (no caso das videoaulas, do “professor apresentador”) frente ao objeto de seu discurso e de seu interlocutor. Necessidade esta posta não só por um querer-dizer do locutor, mas pelas injunções do princípio da dialogicidade inerente à linguagem, pela questão da alteridade e das finalidades inseridas no processo enunciativo. É mediante a esfera de atividade, o objeto do discurso, bem como o enunciatário envolvido, que o enunciador elege o gênero adequado, a forma de abordar o objeto, os recursos linguísticos, imprimindo sua tonalidade apreciativa. É, portanto, neste espaço, que ele pode também fazer surdir seu estilo de forma a tornar-se sua a palavra alheia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GERBASE, Carlos. Desafios na construção de uma estética audiovisual para educação a distância (EAD). *Logos: cinema, imagens e imaginário*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 24, 2006.
- GRILLO, Sheila, V.C. *Esfera e campo*. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin Outros Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2013.
- MARCHEZAN, Renata C. *Diálogo*. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin Outros Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2010.
- MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários*. São Paulo: Contexto, 2012.
- TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. 1.ed. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- VOLPATO, Gilson L. *Curso método lógico para redação científica*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mg_xpd-xk9c> Acesso em: 10 jul. 2013.
- ZUCOLOTTO, Valtencir. *Escrita Científica: produção de artigos de alto impacto*. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=CZR0ptpPaR0>> Acesso em: 10 jul. 2013.